



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

RACISMO AMBIENTAL E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: CONSTRUÇÕES DE ALTERNATIVAS COMUNICATIVAS PARA LIDAR COM AS CRISES CLIMÁTICAS – A RESPOSTA SOMOS NÓS¹

Nankupé Tupinambá Fulkaxó (Josival Moreira de Souza)
Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

As crises climáticas afetam desproporcionalmente os povos indígenas, configurando racismo ambiental. Como essas comunidades desenvolvem alternativas comunicativas para enfrentar injustiças ambientais? Objetiva-se analisar a comunicação comunitária indígena como ferramenta de resistência e proposição de soluções climáticas. Utilizou-se revisão bibliográfica e análise de casos exemplares, baseando-se em Silva (2012), Hãhãhãe (2024) e Instituto Socioambiental (2025). Os resultados evidenciam que povos indígenas constroem "territórios digitais de resistência", articulando saberes ancestrais e tecnologias contemporâneas através de iniciativas como Rádio Yandê e Rede Wayuri, demonstrando protagonismo na luta climática e oferecendo alternativas sustentáveis baseadas no mote "A RESPOSTA SOMOS NÓS".

PALAVRAS-CHAVE

Racismo ambiental; Comunicação comunitária; Povos indígenas; Crises climáticas; Justiça ambiental.

1 INTRODUÇÃO E PROBLEMÁTICA

A crise climática global manifesta-se de forma desigual, afetando desproporcionalmente as populações mais vulneráveis. No Brasil, eventos extremos como as secas históricas na Amazônia (2023-2024) e as enchentes no Rio Grande do Sul (maio 2024) exemplificam essa realidade [1]. O conceito de racismo ambiental, adaptado ao contexto brasileiro, revela como as políticas ambientais e os impactos da degradação ecológica recaem desproporcionalmente sobre populações indígenas, negras e de baixa renda [2].

Diante desse cenário, os povos indígenas brasileiros têm desenvolvido estratégias comunicativas inovadoras que combinam saberes ancestrais com tecnologias contemporâneas, criando "territórios digitais de resistência". O objetivo central desta investigação foi analisar como a comunicação comunitária indígena tem se constituído como ferramenta fundamental na construção de alternativas para lidar com as crises climáticas.

¹ Trabalho apresentado no GT5 – AÇÕES COMUNICACIONAIS COMUNITÁRIAS PROTAGONIZADAS POR POPULAÇÕES SUB-REPRESENTADAS COMO ALTERNATIVAS ÀS CRISES CLIMÁTICAS da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

2 METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica abrangente, análise de casos exemplares de comunicação indígena e exame de fontes primárias produzidas pelos próprios comunicadores indígenas. A abordagem privilegiou as vozes e perspectivas dos povos originários, reconhecendo-os como produtores legítimos de conhecimento sobre suas realidades e estratégias de resistência.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Racismo Ambiental no Contexto Brasileiro

O racismo ambiental no Brasil constitui-se por injustiças sociais e ambientais que recaem desproporcionalmente sobre comunidades compostas por minorias étnicas [2].

No contexto dos povos indígenas, manifesta-se através da violência contra esses povos, falta de demarcação de terras e exposição sistemática a riscos ambientais [3].

Paradoxalmente, os territórios indígenas apresentam os menores índices de desmatamento no país, demonstrando a eficácia das práticas sustentáveis tradicionais.

3.2. Etnomídia Indígena

O conceito de etnomídia indígena, desenvolvido por Anápuaka Tupinambá Hãhãhãe, constitui um "fazer político-comunicacional que coloca a produção multi, pluri midiática de tecnologias digitais nas mãos dos indígenas, permitindo-lhes narrar suas histórias a partir de suas próprias perspectivas, sem atravessadores" [4]. Esta definição enfatiza a dimensão política da comunicação indígena como ato de soberania comunicacional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A evolução da comunicação indígena se constitui através das tradições orais ancestrais às tecnologias digitais contemporâneas, passando por marcos históricos importantes como o "Programa de Índio" na Rádio USP (décadas de 1980-1990) e a articulação do movimento indígena durante a Constituinte de 1988. O século XXI marca a emergência da etnomídia indígena, caracterizada pela apropriação criativa das tecnologias digitais para produção de conteúdos autênticos.

4.1 Exemplos de Sucesso

4.1.1 Rádio Yandê

Primeira web rádio indígena do Brasil, criada por Anápuaka Tupinambá Hãhãhãe. Caracteriza-se por valorizar a diversidade cultural indígena e tem inspirado iniciativas similares no Nordeste, CentroOeste, Alto Rio Negro e Amazonas [4].

4.1.2. Rede Wayuri

Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro, criada em 2017, utiliza podcasts, redes sociais e materiais educativos para combinar saberes tradicionais e práticas contemporâneas no enfrentamento das mudanças climáticas. Atua como "radar" que registra efeitos climáticos e mobiliza comunidades [1].

4.1.3. Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (AIMAs)

Projeto desenvolvido desde 2005 pela FOIRN em parceria com o ISA, combina pesquisa científica, comunicação comunitária e gestão territorial. Os resultados são publicados na revista "Aru", que integra dados quantitativos com interpretações baseadas em conhecimentos tradicionais [1].

4.2 Análise: "A RESPOSTA SOMOS NÓS"

4.2.1. Territórios Digitais de Resistência

Os povos indígenas têm construído territórios digitais que funcionam como espaços de articulação política, preservação cultural e proposição de soluções ambientais. Esses territórios caracterizam-se pela integração de diferentes temporalidades e pela capacidade de tradução cultural.

4.2.2 Articulação entre Saberes Ancestrais e Tecnologias Contemporâneas

A síntese entre conhecimentos tradicionais e tecnologias digitais resulta em formas inovadoras de produção e circulação de conhecimento. Os saberes ancestrais incluem práticas sustentáveis de manejo ambiental desenvolvidas ao longo de milênios, enquanto as tecnologias contemporâneas oferecem ferramentas para documentação e divulgação.

4.2.3. Protagonismo Indígena na Luta Climática

O protagonismo manifesta-se através da capacidade de recontextualizar debates sobre mudanças climáticas, conectando-os com questões de justiça social e direitos territoriais. Como afirma Samela Sateré Mawé (APIB): "as narrativas indígenas têm que ser protagonizadas por nós. Porque nada é por nós, sem nós" [5].

4.3 Resultados

A investigação revelou que os povos indígenas têm desenvolvido alternativas comunicativas que transcendem a denúncia de injustiças para constituir propostas concretas de transformação. Essas alternativas caracterizam-se por:

- Autodeterminação narrativa: Controle sobre suas próprias representações
- Multidimensionalidade: Integração de aspectos culturais, políticos e ambientais
- Escalabilidade: Capacidade de atuar do local ao global
- Sustentabilidade: Baseada em parcerias estratégicas e apoio comunitário
- Adaptabilidade: Flexibilidade para responder a diferentes contextos

4.4 Implicações e Perspectivas

Os resultados têm implicações importantes para diferentes campos:

Para os estudos de comunicação: Necessidade de ampliar perspectivas teóricas para incluir epistemologias não-ocidentais.

Para os estudos ambientais: Reconhecimento de que soluções climáticas demandam valorização dos conhecimentos tradicionais.

Para políticas públicas: Enfrentamento do racismo ambiental requer reconhecimento dos direitos territoriais indígenas e apoio às suas iniciativas comunicacionais.

Para movimentos sociais: A experiência indígena oferece modelos de articulação que combinam resistência cultural, inovação tecnológica e proposição política.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mote "A RESPOSTA SOMOS NÓS" revela-se como síntese de práticas concretas que demonstram o potencial transformador da comunicação indígena. Os povos originários não apenas resistem ao racismo ambiental e às mudanças climáticas, mas propõem alternativas que podem contribuir para a construção de futuros mais justos e sustentáveis.

A perspectiva para 2025 indica que a comunicação indígena continuará ganhando relevância nos debates sobre mudanças climáticas. O reconhecimento crescente da importância dos conhecimentos tradicionais e a expansão das redes de comunicação comunitária sugerem que o protagonismo indígena na luta climática tende a se consolidar. Em um momento de crises ambientais sem precedentes,

o reconhecimento das contribuições dos povos indígenas torna-se não apenas questão de justiça histórica, mas necessidade urgente para a sobrevivência planetária. A comunicação indígena oferece caminhos promissores para a construção de respostas efetivas às crises do presente e do futuro. Assim sendo:

"A RESPOSTA SOMOS NÓS"

Referências

[4] HÃHÃHÃE, Anápuàka Tupinambá. **Jornalismo e Povos Originários: O Papel Transformador da Etnomídia Indígena**. Rádio Yandê, 10 jun. 2024. Disponível em: <https://radioyande.com/jornalismo-e-povos-originarios-o-papel-transformador-da-etnomidia-indigena/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

[1] INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Comunicação indígena será decisiva para enfrentar mudanças climáticas em 2025. Newsletter Farol Jornalismo, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/comunicacao-indigena-sera-decisiva-para-enfrentar-mudancas-climaticas-em>. Acesso em: 26 jul. 2025.

[5] RODRIGUES, Alex. **Indígenas debatem importância da comunicação para o movimento**. Agência Brasil, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-04/indigenas-debatem-importancia-da-comunicacao-para-o-movimento>. Acesso em: 26 jul. 2025.

[2] SILVA, Lays Helena Paes e. **Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro**. e-cadernos CES, n. 17, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1123>. Acesso em: 26 jul. 2025.

[3] THOMASI, Thaís Zerbini; SANTOS, Andressa Silva; DIAS, Carlos Alberto Gomes Chernicharo. **Environmental Racism Practiced against Indigenous Peoples in Rio Grande do Sul**. Veredas do Direito, v. 21, n. 49, p. 11-35, 2024.